



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

PROBLEMATIZANDO A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E JUVENTUDES

ANA PAULA LEITE NASCIMENTO

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

RESUMO: O artigo problematizou a relação entre escola e juventudes, objetivando trazer para a arena da discussão os desafios do diálogo entre os sujeitos escolares. Realizou-se inicialmente uma abordagem sobre a relação entre escola e juventudes. Registrou-se o marco teórico preliminar que orientou o presente estudo. O trabalho caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica. O estudo foi norteado pela combinação de elementos explicativos e descritivos. Destacou-se como predominante a natureza qualitativa da pesquisa. Para a coleta de dados utilizou-se do levantamento bibliográfico. A pesquisa foi norteada pelo método dialético. A análise e interpretação dos dados foram realizadas a partir de categorias definidas durante o estudo à luz do referencial teórico.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Juventudes; Culturas Juvenis.

ABSTRACT: Article problematized the relationship between school and youths, aiming to bring to the arena of discussion the challenges of dialogue between school subjects. It held initially a discussion of the relationship between school and youth. Recorded the preliminary theoretical framework that guided this study. The work was characterized as a literature search. The study was guided by a combination of explanatory and descriptive elements. It stood out as the predominant qualitative research. To collect data from the literature. The research was guided by the dialectical method. The analysis and interpretation of data were made from categories defined during the study in light of the theoretical framework.

KEYWORDS: School; Youths; Youth Cultures.

I. INTRODUÇÃO

O artigo, ora apresentado, se propõe a problematizar a relação entre escola e juventudes, objetivando trazer para a arena da discussão os desafios do diálogo entre os sujeitos escolares, dada as contradições e tensões cotidianas enquanto características preponderantes na relação escola e juventudes. Também apresenta a intencionalidade de contribuir com referenciais teóricos para o entendimento das manifestações e estilos de vida das juventudes na

perspectiva de demarcar as possibilidades de enfrentamento da invisibilidade das culturas juvenis na escola. Nesse sentido, realizamos inicialmente uma abordagem sobre a relação entre escola e juventudes. Em seguida, registramos o marco teórico preliminar que orientou o presente estudo.

O trabalho em pauta caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica. O estudo foi norteado pela combinação de elementos explicativos e descritivos. Destacamos como predominante a natureza qualitativa desta pesquisa.

Para a coleta de dados utilizou-se do levantamento bibliográfico, constituindo-se como procedimento metodológico por excelência na coleta de informações, baseado no objetivo proposto. A análise e interpretação dos dados foram realizadas a partir de categorias definidas durante o estudo à luz do referencial teórico, construído no decorrer da investigação.

Em se tratando dos métodos que proporcionam as bases lógicas da investigação, a pesquisa utilizou-se do método dialético, o qual procura captar as mediações que explicam as relações dos complexos com a totalidade para desvendar o real a partir de suas contradições e determinações. Para tanto, parte-se dos fenômenos aparentes e através de um processo de abstração, busca-se chegar à sua essência, reproduzindo-se a realidade pesquisada no plano do pensamento, enquanto real pensado. (KOSIK, 1995).

II. NOTAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E JUVENTUDES

Observa-se que há uma diversidade conceitual sobre a categoria juventude e isso se apresenta como “[...] consequência de determinadas condições sociais e de diferentes representações produzidas para e pelos jovens”. (MARTINS; CARRANO, 2011, p.50). A discussão acerca do que vem a ser a juventude deve começar a partir da desmistificação desta categoria enquanto somente natural e biológica, posto que se configura como uma construção social, variando conforme as diferentes culturas e ainda no interior de cada cultura. (CATANI; GILIOLI, 2008).

Tem-se em Costa (2010, p.95) que

ao longo da história, a concepção de juventude passou por inúmeros rótulos referentes ao comportamento dos jovens de cada época, ora estava relacionada a uma determinada faixa etária; em outros momentos, associado a problemas sociais (delinquência juvenil); noutras vezes, foram vistos, também, como alienados, passivos e, até mesmo, como uma juventude protagonista das transformações políticas, sociais e culturais em determinada época ou como aqueles que teriam a responsabilidade de transformar a sociedade.

Concordamos com Catani e Gilioli (2008, p.12) quando afirmam

que é possível perceber a categoria “juventude” ao menos conforme dois registros. Os sujeitos ou grupos sociais podem se auto-identificar como jovens ou portadores de uma cultura juvenil. Podem, também, ser identificados como tais por outros segmentos etários ou instituições (Estado, família, organizações), que os caricaturizam – elegem um ou alguns traços como essência que caracterizaria a juventude. Nesse sentido, pode-se dizer que, para a sociedade, o desafio é definir o jovem, enquanto para o jovem é definir-se diante de si próprio, de seus pares e perante a sociedade. Ambas as formas de identificação costumam aparecer juntas na prática, mas sua distinção é útil para delimitar os contornos que a juventude pode tomar em diferentes contextos sociais, políticos e históricos.

Costa (2010, p.95) alude que “[...] os jovens têm se feito ouvir ou têm chamado a atenção de várias maneiras, com atitudes e hábitos diferentes”. Esta autora pondera ainda que a forma como os jovens desfrutam deste momento de vida é pessoal, demarcando que difere não apenas dos desfrutes, mas também por serem jovens integrados em grupos sociais que influem nos acontecimentos da vida.

Esse estudo parte do pressuposto que “não há apenas *uma* juventude e *uma* cultura juvenil, mas várias, que diferem segundo condições sociais e históricas específicas”. (CATANI; GILIOLI, 2008, p.11, grifos originais). Desta feita, tomaremos como base para o estudo proposto o termo juventudes, por conseguinte, trataremos de culturas juvenis, dada a ideia de multiplicidades que constitui a categoria juventude.

Sabe-se que “nos territórios culturais juvenis delineam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles e elas transformar esses mesmos ambientes ressignificando-os a partir de suas práticas específicas”. (MARTINS; CARRANO, 2011, p.45). Nota-se que tal processo é presente no contexto das escolas, haja vista que as instituições escolares são espaços eminentemente juvenis.

Carrano (2013, p.190, grifos originais) assinala que

os jovens recebem espaços da cidade prontos e sobre eles elaboram territórios que passam a ser a extensão dos próprios sujeitos: uma praça se transforma em campo de futebol, sob um vão de viaduto se improvisa uma pista de skate; o corredor da escola – lugar originalmente de passagem – faz-se ponto de encontro e sociabilidade.

Tem-se que os diferentes territórios juvenis são lugares simbólicos para o reconhecimento das identidades em comum. Logo, a depender de determinado território é que vai se constituindo o grupo de iguais, que notadamente cria suas próprias políticas de visibilidade pública expressadas pela roupa, pela mímica corporal, por um estilo musical, dentre outras categorizações. (CARRANO, 2013).

Na relação entre juventude e escola evidencia-se a dificuldade que “os jovens encontram para expressar sua maneira de ser e agir em seu cotidiano escolar”. (COSTA, 2010, p.94). Avalia-se que essa dificuldade se impõe em virtude dos significados negativos atribuídos ao ser ou comportar-se como jovem, dos quais podemos destacar: ter menos credibilidade, ser considerado menos capaz, menos experiente, precipitado, instável etc. (CATANI; GILIOI, 2008).

Salienta-se que

a escola conta com mecanismos de silenciamento que promovem a invisibilidade das práticas que não se encaixam nos cotidianos escolares institucionalizados e pouco abertos para as expressividades das culturas juvenis. Nesse contexto, o jovem é homogeneizado na condição de aluno que necessita responder positivamente aos padrões do “ser estudante” que a instituição almeja. (MARTINS; CARRANO, 2011, p.45).

No diálogo entre os sujeitos escolares constata-se que os limites e barreiras que se mantêm no espaço escolar não permitem que as reivindicações juvenis sejam ouvidas na medida em que o valor que elas possuem é menosprezado, especialmente em decorrência dos representantes dos sistemas educacionais não conseguirem lidar com as diferenças juvenis e por não compreenderem a existência de diversidades de gênero, étnica, regional, religiosa, de orientação sexual, dentre outras, inerentes aos jovens como a todo ser humano. (COSTA, 2010).

Cabe ainda registrar que

por mais paradoxal que seja, encontra-se ainda presente na concepção da maioria dos educadores das instituições de ensino brasileiras a visão estereotipada de juventude, que teve influência médica e biológica. Esses profissionais desconhecem, ou mesmo ignoram, as singularidades e diversidades presentes nos diversos tempos e espaços do ser jovem. Não os concebem como sujeitos construtores do seu processo de formação, no qual a expressão, a estética, a socialização, a música, os vínculos, o corpo, a afetividade, a forma de se vestir, de falar e de se organizar encontram-se imbricados nas tramas das relações sociais. (LIMA; LIMA, 2012, p.224).

Demarca-se que a invisibilidade imputada pela escola aos jovens “ao traduzi-los apenas à condição de alunos contribui para adjetivá-los negativamente sempre que expressem suas identidades através de marcadores culturais próprios desse período da vida”. (MARTINS; CARRANO, 2011, p.52).

Corroboramos com Carrano (2013, p.191) quando assinala que:

[...] marcas se relacionam com processos de representação, verdadeiras objetivações simbólicas que permitem distinguir os membros dos grupos no tempo e no espaço. As marcas podem ser objetivadas no próprio corpo (uma tatuagem) ou mesmo habitar o corpo como adereço de identidade, tal como acontece com os bonés que se transformaram em fonte de tensão permanente em algumas escolas que não toleram seu uso, talvez por não enxergarem que esses são signos que representam a extensão da própria subjetividade dos jovens alunos, que reagem ao terem de deixar “parte de si” fora do espaço-tempo da escola.

Considerando o campo de tensões das práticas escolares é premente a necessidade de criar diálogo nas esferas educacionais que “não se baseiem em uma obediência autoritária que enquadre os jovens em normas disciplinadoras escolares, mas que se desenvolvam nesse espaço escolar um equilíbrio [...] entre as partes”. (COSTA, 2010, p.99).

III. CONTEXTUALIZAÇÃO DO MARCO TEÓRICO

Considerando o propósito deste artigo, cabe registrar o marco teórico preliminar relevante para o estudo em discussão. Desta feita, trataremos de algumas categorias e reflexões teóricas que nos apropriamos no decurso da pesquisa

bibliográfica.

A problematização acerca da relação entre escola e juventudes nos remete ao entendimento sobre a vida cotidiana. De acordo com Heller (2008, p.31-32, grifos originais):

a vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade. A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo, no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade.

No caso deste estudo a ênfase centra-se na percepção de como as juventudes participam da vida cotidiana, particularizando as evidências desta participação no contexto da escola, espaço de diferentes manifestações das juventudes. A escola é tomada pela lógica da cultura do adulto, a cultura dominante, e, atribuímos ao imperativo desta cultura a razão da invisibilidade das culturais juvenis nas instituições escolares.

Alude-se que “o adulto deve dominar, antes de mais nada, a manipulação das coisas (das coisas, certamente, que são imprescindíveis para a vida da cotidianidade [...])”. (HELLER, 2008, p.33). Assim, convém salientar que o que se procura “padronizar como sendo a principal característica da juventude – a rebeldia – pode ser explicada como uma forma de assumir alguma postura diante da cultura dominante, no caso, a dos adultos e, porque não dizer, a escolar”. (MARTINS; CARRANO, 2011, p.52-53).

Em se tratando da legitimidade e importância do estudo das expressões e manifestações culturais das juventudes, corroboramos com Guimarães e Duarte (2011, p.144-145, grifos originais):

a investigação das diferentes manifestações grupais e individuais dos jovens nas sociedades contemporâneas exige, em virtude das transformações operadas nas várias dimensões da vida cotidiana, esforços teórico-metodológicos dos estudiosos para *decifrar os modos de sociabilidade* criados e recriados por esses agentes [...]. As instituições formais têm profunda influência sobre os processos sociais, à medida que socialização envolve aspectos abrangentes da condição humana, e cada sociedade seleciona o que as novas gerações irão aprender de forma complexa. Qualquer processo de aprendizagem supõe uma seleta esfera de significados, valores e práticas, de acordo com o que se considera como necessário aprender na dinâmica das relações de forças de uma sociedade.

A escola enquanto território constituído majoritariamente por juventudes abriga uma série de conflitos e tensões entre os sujeitos jovens e os demais sujeitos escolares, haja vista a invisibilidade imputada pela escola às suas diferentes juventudes. Isso, portanto, nos leva a referendar o questionamento assinalado por Carrano (2013, p.192): “até que ponto os jovens podem se identificar com o espaço escolar, considerá-lo interessante e habitar uma instituição que não permite que suas culturas se realizem ou mesmo sejam visíveis?”. Frente a este contexto concordamos que “a compreensão do processo de socialização contemporânea dos jovens pode contribuir para o diálogo intergeracional no cotidiano escolar”. (CARRANO, 2013, p.192-193).

Em Barral (2006, p.47-48) tem-se que:

[...] a experiência temporal é marcadamente qualitativa, e o tempo é percebido pelos indivíduos a partir de marcos significativos que particularizam momentos do fluxo cotidiano. A descontinuidade entre o tempo social e o tempo vivenciado pelos jovens é um dos problemas enfrentados [...] na definição da juventude. Isso reflete, por exemplo, no problema da definição das faixas etárias. Empiricamente, muitos indivíduos caracterizados, bio-fisiologicamente, como jovens, podem estar vivenciando experiências sociais ligadas à faixa etária adulta ou à infância. Essa dualidade temporal, presente na vida dos jovens, torna difícil a demarcação de conteúdos próprios do que se poderia separar, metodologicamente, como um ethos juvenil homogêneo, ou característica genérica da juventude, pois se os jovens trazem e vivenciam o novo, também apreendem e se orientam pelo antigo, pelo tradicional, através do complexo processo de socialização.

Endossamos, portanto, a assertiva da juventude como “um período da vida impossível de ser contemplado como uniforme, pois ele é constituído por diversas maneiras de ser e viver que variam de acordo com o gênero, a faixa etária, a classe, a raça, dentre outros” [...]. (COSTA, 2010, p.95). Deste modo, concordamos que o estudo sobre os jovens

devem considerar as diferentes possibilidades de expressão desses sujeitos, isto é, a existência de juventudes.

Como nos propomos ao estudo da relação entre escola e juventudes, é imperativo que abordemos brevemente sobre processos culturais, culturas juvenis e identidade, a fim de compreendermos a multiplicidade dos marcadores culturais e estilos de vida das juventudes.

A respeito de processos culturais temos a dizer que

[...] genericamente envolvem construção de símbolos, de representações sociais, de significados e de práticas constituintes e constituídas do mundo social. As culturas se realizam em processos simultâneos, como produção simbólica objetivada em instituições sociais, valores, normas, crenças, e como processos de subjetivação que configuram singularidades de agentes sociais. (GUIMARÃES; DUARTE, 2011, p.145).

Para Laraia (2004, p.101) “[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos”. A necessidade de compreender a dinamicidade dos sistemas culturais é indispensável no contexto escolar, posto que neste território manifesta-se a diversidade cultural, com destaque para a diversidade dos sistemas culturais juvenis.

Acerca das culturas juvenis convém demarcar que são configuradas enquanto resultado de formas específicas que os grupos juvenis possuem de resistir, de responder aos padrões sociais excludentes (desses mesmos grupos), como mecanismo de expressar suas identidades, de chamar a atenção para seus problemas, suas necessidades. Além desta configuração, as culturas juvenis são resultado de relações intergeracionais que numa conjuntura de reprodução social dão continuidade às culturas de gerações precedentes. (MARTINS; CARRANO, 2011).

Pais (1993 apud MARTINS; CARRANO, 2011, p.51, grifos originais) indica que:

a juventude possui duas tendências de análise. Uma delas está relacionada a uma fase da vida, de caráter transitório que parece responder de maneira uniforme e homogênea às questões que se apresentam para a sociedade. É o sujeito que será sem nunca ter sido. Corresponde a um período de preparação, de gestação do ser adulto, por onde todos deverão necessariamente passar para ter direito a uma *nova vida* – o mundo adulto. Desse modo, pode-se crer que a juventude seria o mais longo *rito de passagem* que o homem estaria destinado a vivenciar. A outra possibilidade está relacionada ao fato de que cada grupo juvenil pode ser constituído a partir das diferentes realidades sociais nas quais estão submetidos. O desenho de cada cultura juvenil poderá ter não só o contorno como também as cores determinadas pelas questões de classe, relações de poder, diferentes inserções sociais, econômicas, políticas e culturais assim como pelos interesses específicos de cada grupo. Essas questões estão postas no espaço escolar e precisam ser enfrentadas para que o jovem torne-se sujeito no processo educacional e sinta-se como parte importante nesse contexto.

Não obstante o cenário escolar seja marcado por tensões entre os sujeitos escolares, cabe registrar que a escola é também um espaço em que a sociabilidade se manifesta, a exemplo do que pode ser observado nas relações entre amigos mais próximos (que muitas vezes são considerados até mais próximos do que um irmão), através de uma cumplicidade entre professor e jovens, bem como através daqueles relacionamentos mais distantes entre colegas. (COSTA, 2010). Destacamos que essa sociabilidade é mediada pelos processos de identificação e ao mesmo tempo de diferenciação entre os sujeitos e grupos que tais sujeitos estão inseridos.

Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista). (CUCHE, 2002, p.177).

Desta feita, concordamos que “a necessidade de pertencimento, de certo exclusivismo, de segurança, de desindividualização e de regras, emoções, sentimentos e compromissos comuns aproxima os jovens em tribos, gerando assim um diferencial identitário” (TOMAZI, 2013, p.54).

A identidade é

um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também, para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de

diferenciação que eles utilizam em suas relações. (BARTH 1969 apud CUCHE, 2002, p.182).

Segundo Moura (2005, p.89) a identidade “nunca é uma certeza dada, nem resulta simplesmente traço do fenótipo, ou seja, da aparência”. Tem-se que “[...] ao longo da vida [...] em meio às interações e identificações com diferentes pessoas e grupos com que convivemos ou travamos contato, construímos nossas identidades [...]”. (MOREIRA; CÂMARA, 2013, p.41).

Na escola a necessidade de pertencimento, os desejos e os sentimentos das juventudes também se impõem, levando, por sua vez, à constituição dos grupos juvenis a partir de elementos e marcadores culturais que possibilitam identificação e diferenciação dos jovens estudantes, associados, por conseguinte, aos estilos de vida das juventudes presentes no contexto escolar. Verifica-se em Bennet (2000, p.26 apud CAVALCANTE; PINEZI, 2011, p.9) que “o apelo ao consumismo posiciona o poder que dá ao jovem construir estilos de vida alternativos que poderiam ser vividos fora ou em torno da tradicional base de classes sociais e instituições como família, escola e lugar de trabalho”.

Tratando mais especificamente dos estilos de vida das juventudes presentes na escola, na esteira de Peregrino (2007, p. 1 apud COSTA, 2010, p.98, grifos originais) podemos compreender

as diversas maneiras de ser jovem nos espaços escolares, que os diferenciam uns dos outros nas maneiras de se expressar e apreciar a vida em meio às múltiplas possibilidades que caracterizam o termo *juventude*, como, por exemplo, roqueiros, funkeiros, forrozeiros, *punks*, pagodeiros; revolucionários, conformistas, “rebeldes sem causa”, militantes; “aviões”, trabalhadores, estudantes, estagiários; tatuados, modernos, *clubbers*, *darks*; “mauricinhos”, “patricinhas”, “favelados”, “manos”, “minas”, “sanguês” [...]. Inumeráveis expressões de inumeráveis condições de vida.

Carrano (2013, p.185) alerta que “estar atento para os grupos de identidade com os quais os jovens se identificam ou dos quais fazem parte ativamente torna-se condição para o entendimento dos sentidos do agir dos alunos”. Por esta razão concordamos com Dayrell (2007 apud LIMA; LIMA, 2012, p.225):

[...] é preciso diminuir a distância entre o mundo juvenil e o mundo escolar, pois os jovens, na sua diversidade, apresentam características, práticas sociais e modos de vida dentro de um universo simbólico todo próprio. Nesse sentido, cabe aos educadores favorecerem vivências significativas, buscando compreender quem são esses atores e como é constituída a condição juvenil. Os jovens precisam ser compreendidos num contexto mais amplo, como uma categoria sociológica e historicamente construída. É necessário entender que não existe jovem, mas jovens, nem cultura juvenil, mas culturas juvenis, com suas especificidades, histórias, contextos, necessidades, tempos e espaços próprios e diversos.

É imprescindível confirmar que “a escola não pode mais desconsiderar os jovens, nas suas manifestações e nas suas formas de organização, interação, comunicação e expressão”. (LIMA; LIMA, 2012, p.224).

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Asseveramos que “desde a primeira reação da sociedade em classificá-los [*as juventudes*] como ‘desviantes’, ‘anormativos’, ‘exóticos’, passaram-se décadas até que começassem a ser reconhecidos como sujeitos sociais legítimos e relevantes”. (CATANI; GILIOLI, 2008, p.105, grifos nossos). Avaliamos que a escola também deve ser este espaço em que as juventudes possam ter suas expressões e manifestações reconhecidas como legítimas e relevantes. Isso nos impulsiona a ratificar que as instituições escolares devem “repensar a realidade dos sujeitos, tanto nos aspectos materiais como simbólicos, vendo as manifestações juvenis como legítimas, dignas de estudo, de compreensão ou de apropriação educativa”. (GUIMARÃES; DUARTE, 2011, p.145).

Assim, urge a necessidade da instituição escolar abrir campos ao entendimento das suas juventudes adotando a investigação e a escuta como ferramentas para “a compreensão das identidades e comportamentos de seus jovens [...] que são simultaneamente criadores e criaturas da diversidade das culturas dos grupos juvenis presentes na sociedade urbana”. (MARTINS; CARRANO, 2011, p.54).

Depreendemos ainda a necessidade de mecanismos que “garantam maior visibilidade às culturas juvenis e que se instaurem processos para o diálogo entre as lógicas diferenciais da escola e das identidades coletivas juvenis”. (MARTINS; CARRANO, 2011, p.51).

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRAL, Gilberto Luiz Lima. **Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília**: o caso de bares. 2006. 144 f. Dissertação. Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.182-211.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CAVALCANTE, Alexandre Soares; PINEZI, Ana Keila Mosca. Estilo de vida, juventude e música pop. In: ENCONTRO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., 2011, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2011.

COSTA, Mariane Brito da. As diferentes manifestações da juventude na escola: uma visão dos impasses e das perspectivas. **Conjectura**, Caxias do Sul: UCS, v. 15, n. 1, p.93-105, jan./abr. 2010.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; DUARTE, Aldimar Jacinto. Juventude e educação: novos processos de socialização. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 143-155, jan./jun. 2011.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LIMA, Márcia Regina Canhoto de; LIMA, José Milton de. As culturas juvenis e a cultura corporal de movimento: em busca de interlocução. **Revista Teias**, São Paulo, v. 13, n. 27, p.219-241, jan./abr. 2012.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CÂMARA, Michelle Januário. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.38-66.

MOURA, Milton. Identidades: construção de identidades, identidade local, regional, nacional, baianidade, brasilidade, identidade e militância. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org). **Cultura e atualidade**. Salvador: EDUFBA, 2005, p.77-91.

TOMAZI, Gilberto. **Juventude**: protagonismo e religiosidade. São Paulo: Paulinas, 2013.

[1]Esse artigo foi elaborado a partir de resultado de pesquisa bibliográfica no âmbito do doutorado em Educação, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

[2] A pesquisa bibliográfica “é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet. Praticamente toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica.” (GIL, 2010, p.29).

Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS, 2009); especialista em Escola e Comunidade (UFS, 2010); mestre em Serviço Social (UFS, 2014); doutoranda em Educação (UFS, 2015); assistente social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS). E-mail: paulajcbrasil@yahoo.com.br.

Recebido em: 22/06/2015

Aprovado em: 24/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: